

**CIIBERCID: USUARIOS DE LA INFORMACIÓN, SOCIEDAD Y
TECNOLOGÍA EN EL SIGLO XXI. UNA VISIÓN IBEROAMERICANA**

**CIIBERCID: UTILIZADORES DA INFORMAÇÃO, SOCIEDADE E
TECNOLOGIA NO SÉCULO XXI. UMA VISÃO IBERO-AMERICANA**

MIGUEL ÁNGEL RENDÓN ROJAS
COORDINADOR



Z665
C55

CIIBERCID : usuarios de la información, sociedad y tecnología en el siglo XXI. Una visión iberoamericana = CIIBERCID : utilizadores da informação, sociedade e tecnologia no século XXI. Uma visão iberoamericana / Coordinador Miguel Ángel Rendón Rojas. - México : UNAM. Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información, 2023.

xv, 102 p. - (Epistemología de la bibliotecología
y estudios de la información)

ISBN: 978-607-30-8326-3

1. Ciencia de la información. 2. Teoría de la información. 3. Usuarios.
I. Rendón Rojas, Miguel Ángel, coordinador. II. ser.

Diseño de portada: Paula Laverde Austin

Primera edición: 15 de agosto de 2023

D. R. © UNIVERSIDAD NACIONAL

AUTÓNOMA DE MÉXICO

Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas
y de la Información

Circuito Interior s/n, Torre II de Humanidades,

pisos 11, 12 y 13, Ciudad Universitaria, C. P.

04510, Alcaldía Coyoacán, Ciudad de México

ISBN: 978-607-30-8326-3

Esta edición y sus características son propiedad
de la Universidad Nacional Autónoma de México.

Prohibida la reproducción total o parcial por
cualquier medio sin la autorización escrita del
titular de los derechos patrimoniales.

Publicación dictaminada

Impreso y hecho en México

Contenido

INTRODUCCIÓN	ix
Miguel Ángel Rendón Rojas	
DO UTILIZADOR AO “PROSSUMIDOR” DENTRO DO PARADIGMA POSCUSTODIAL, INFOCOMUNICACIONAL E TRANSDISCIPLINAR / DEL USUARIO AL “PROSUMIDOR” DENTRO DEL PARADIGMA POSCUSTODIAL, INFOCOMUNICACIONAL Y TRANSDISCIPLINAR	1
Armando Malheiro da Silva	
SER, ESENCIA Y EXISTENCIA EN EL CONCEPTO DE USUARIO DE LA INFORMACIÓN / SER, ESSÊNCIA E EXISTÊNCIA NO CONCEITO DE UTILIZADOR DA INFORMAÇÃO	9
Miguel Ángel Rendón Rojas	
O UTILIZADOR DE SERVIÇOS E SISTEMAS DE INFORMAÇÃO NA ERA DIGITAL: UM CASO DE APLICAÇÃO DO MODELO SISTÉMICO / EL USUARIO DE SERVICIOS Y SISTEMAS DE INFORMACIÓN EN LA ERA DIGITAL: UN CASO DE APLICACIÓN DEL MODELO SISTÉMICO	27
Fernanda Ribeiro	
DESCAMINHOS DOS ESTUDOS DE COMPORTAMENTO INFORMACIONAL: UMA PERSPECTIVA ARQUIVÍSTICA / DESVIACIONES DE LOS ESTUDIOS DE COMPORTAMIENTO INFORMACIONAL: UNA PERSPECTIVA ARCHIVÍSTICA	47
Rodrigo Fortes de Ávila	

LAS POLÍTICAS DE INFORMACIÓN A LA CIUDADANÍA: HACIA
UN PENSAMIENTO IBEROAMERICANO SOBRE LA INFORMACIÓN INCLUSIVA
E INTEGRADORA / AS POLÍTICAS DE INFORMAÇÃO PARA A CIDADANIA: RUMO
A UM PENSAMENTO IBERO-AMERICANO DE INFORMAÇÃO INCLUSIVA
E INTEGRADORA **65**
Martha Sabelli

PODER, MEMORIA Y SELECCIÓN DOCUMENTAL EN LOS ARCHIVOS
NOVOHISPANOS / PODER, MEMÓRIA E SELEÇÃO DOCUMENTAL
NOS ARQUIVOS DA NOVA ESPANHA **77**
Silvana Elisa Cruz Domínguez

A MANERA DE CONCLUSIÓN / A TÍTULO DE CONCLUSÃO **99**
Miguel Ángel Rendón Rojas

O Utilizador de serviços e sistemas de informação na era digital: um caso de aplicação do modelo sistémico

El usuario de servicios y sistemas de información en la era digital: un caso de aplicación del modelo sistémico

FERNANDA RIBEIRO

Faculdade de Letras, Universidade de Porto, Portugal / CITCEM

OS SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO TRADICIONAIS: BREVE CARATERIZAÇÃO

O surgimento dos serviços de informação, no sentido moderno que hoje conhecemos, remonta à centúria de oitocentos e podemos dizer que eles são uma criação da Modernidade, na medida em que são produto da ideologia e da conceção de “serviço público” originárias da matriz filosófica que inspirou a Revolução Francesa. Com efeito, foi a legislação promulgada pela burguesia, que tomou o poder em França em 1789, que instituiu pela primeira vez a noção de acesso à informação por todos os cidadãos que constituíam o novo Estado-Nação.

XXXVII. Tout citoyen pourra demander dans tous les dépôts, aux jours et aux heures qui seront fixés, communication des pièces qu'ils renferment: elle leur sera donnée sans frais et sans déplacement, et avec les précautions convenables de surveillance. Les expéditions ou extraits qui en seront demandés, seront délivrés à raison de quinze sous du rôle.

XXXVIII. Tous citoyens qui avaient produit, dans des procès terminés ou non, des titres non féodaux ou des procédures, seront admis à les réclamer avant la clôture du triage ordonné par le présent décret; et, ce délai expiré, leurs productions seront supprimées. Les dépositaires sont autorisés à les remettre, avant ce terme, à ceux qui justifieront qu'elles leur appartiennent, et à la condition d'en fournir leur décharge (Lei de 7 Messidor, ano II da Revolução. Art^{os} 37^o e 38^o).

A decisão da Convenção, logo em 1789, de fundar os Archives Nationales (Decreto de 18 Brumário) e de proclamar que estes seriam um depósito central de toda a República (Lei de 7 de Messidor, ano II da Revolução) é realmente um marco muito significativo, pelo facto de, assim, se ter instituído, sob a tutela do Estado, aquilo que podemos designar como o primeiro serviço público de informação, pois o arquivo central do Estado deixou de ser um privilégio, apenas, dos detentores do poder e passou a ser entendido como o Arquivo da Nação (Bautier 1961; Favier 1975, 31-37). Igualmente, a Biblioteca Real, em França, converteu-se em Biblioteca Nacional e serviu de repositório para recolher centenas de milhares de documentos “nacionalizados” em consequência da Revolução.¹

A criação de arquivos e bibliotecas nacionais, regionais e locais em diversos estados europeus seguiu, no essencial, aquilo que podemos designar por “modelo francês”, seja pela via da instituição

1 Sobre este assunto é útil consultar: *Histoire de la Bibliothèque Nationale de France* [em linha]. <https://www.bnf.fr/fr/histoire-de-la-bibliotheque-nationale-de-france> (Acesso em 14-08-2022).

de novos serviços públicos destinados a conservar a memória da Nação, quer pela transfiguração de instituições precedentes e, em muitos casos, já seculares, em serviços estatais, com caráter público e abertos aos cidadãos que aí quisessem consultar documentação administrativa (no caso dos arquivos nacionais e provinciais ou distritais) ou documentação para estudo e lazer (no caso das bibliotecas nacionais ou públicas, regionais e municipais, ou dos museus), quer pela criação de raiz, de serviços públicos destinados a preservar e dar acesso à documentação que a nova ordem liberal “nacionalizou” para uso e benefício dos cidadãos.

A conceção dos serviços públicos, herdeira dos ideais da Revolução Francesa, consolidou-se ao longo do século XIX, reforçando-se com o desenvolvimento da Ciência Histórica, no quadro de afirmação do nacionalismo e do Positivismo, pela valorização dos documentos, como fontes privilegiadas para o trabalho dos historiadores. Nesta perspetiva, os arquivos e as bibliotecas de cariz mais erudito passaram a ser serviços vocacionados para apoiar sobretudo a investigação histórica, ombreando com as bibliotecas de caráter mais popular, criadas essencialmente para fomentar a leitura e a instrução pública (hoje diríamos, para incrementar a literacia dos cidadãos) e com os Gabinetes de Curiosidades, que paulatinamente deram origem aos Museus de Arte e de História Natural, dedicados também à fruição cultural ou à conservação da memória científica.

Esta visão nacionalista e historicista, aliada à ideia de acesso à informação para todos os cidadãos, esteve na base de um paradigma custodial e patrimonialista, que deu suporte não apenas à criação dos serviços de informação, mas favoreceu também o desenvolvimento de diversas disciplinas auxiliares da História, das quais importa para este caso relevar a Arquivologia/Arquivística, a Bibliotecologia/Biblioteconomia e a Museologia. A custódia/preservação da documentação criou a necessidade da sua organização e descrição para tornar possível o acesso e, naturalmente, isso implicou a formação de profissionais para trabalharem nos novos serviços (de informação) públicos e gratuitos.

Sistematizando os elementos que caracterizam os serviços de informação surgidos no século XIX e que se foram desenvolvendo ao longo da centúria seguinte, permanecendo, em grande medida, até à atualidade, recuperamos e reformulamos um quadro sinótico publicado em anterior trabalho (Ribeiro 2017).

Quadro 1. Caracterização dos serviços de informação tradicionais

<i>Missão</i>	<i>Guardar, tratar e dar acesso a documentação/objetos de interesse histórico e cultural / Instruir, educar</i>
<i>Natureza jurídica</i>	<i>Serviço público gratuito (nacional, regional, local/municipal)</i>
<i>Designação</i>	<i>Arquivo / Biblioteca / Museu</i>
<i>Acervo</i>	<i>Documentação de carácter administrativo, considerada de interesse histórico / Livros, revistas, jornais, de cunho cultural e/ou científico e de lazer / Objetos de carácter científico, obras de arte</i>
<i>Pessoal</i>	<i>Arquivistas-paleógrafos e bibliotecários eruditos; conservadores e amanuenses</i>
<i>Funções</i>	<i>Organização de índices, inventários, catálogos e reportórios / Classificação e cotação das espécies documentais / Sumariação e transcrição de documentos / Publicação de documentos de interesse histórico</i>
<i>Tipo de acesso</i>	<i>Consulta presencial em sala de leitura própria, embora em muitos casos ainda não diferenciada dos locais de depósito / Pesquisa através de instrumentos de acesso (inventários, catálogos, índices, listas topográficas...)</i>
<i>Utilizadores</i>	<i>Historiadores, investigadores, intelectuais eruditos / Cidadãos em geral (leitura de lazer e fruição cultural)</i>

DA CUSTÓDIA AO ACESSO: O SURGIMENTO DE UMA NOVA MEDIAÇÃO

A perspetiva custodial, historicista e patrimonialista, surgida no século XIX e reforçada ao longo de novecentos, sofreu fortes influências da conceção inovadora que Paul Otlet e Henri La Fontaine desenvolveram no período de transição para o século XX e que se reforçou até à II Guerra Mundial (Rieusset-Lemarié 1997).

Fundamentada no novo conceito de “documentação”, a visão de Otlet veio imprimir uma dinâmica inovadora aos serviços de informação, afirmando a sua vertente tecnicista e privilegiando a questão do acesso, a todo o tipo de documentos, muito para além dos tradicionais livros e revistas e da documentação administrativa, que eram a essência das bibliotecas e dos arquivos públicos. O conceito otletiano de “documentação”, claramente explanado no seu livro *Traité de Documentation* (Otlet 1996),² atraiu a atenção para os novos suportes de informação que a evolução da tecnologia fez emergir e, por isso, aos tradicionais serviços de informação (bibliotecas, arquivos e museus) juntou-se um novo serviço (o centro de documentação) com expressão mais evidente nos EUA e na Europa. No mundo anglo-saxónico emergiram igualmente as bibliotecas especializadas (*special libraries*) e os *records centres*, no âmbito da administração estatal (Williams 1997; Schellenberg 1956).

Esta diversificação dos serviços de informação, que teve lugar no período entre as duas guerras mundiais, reforçou-se a partir de 1945, com o surgimento de uma variedade de serviços de informação especializados, com vínculo orgânico muito acentuado e estreitamente conectados com a missão das organizações. Era o despontar da informação científico-técnica (ICT), tanto nas universidades, como na indústria e nas grandes empresas, que dependiam grandemente da informação para apoio à gestão e aos negócios. O acesso à informação, de forma rápida e eficaz, passou a ser um imperativo para este tipo de organizações e daí à utilização da tecnologia para a automatização dos serviços foi um passo inevitável. Nos anos 50 do século XX, particularmente nos EUA, o tratamento automático da informação, a produção de indexação a partir de títulos ou resumos (os famosos índices KWIC e KWOC) e outras formas de recuperação da informação por meios automatizados tornou-se trivial nos serviços de ICT (Sharp 1981, 159-263),

2 Uma tradução desta obra, publicada em 1934, foi editada em 1996 pela Universidade de Múrcia: Otlet, Paul (1996).

onde os *information scientists* americanos exerciam a sua profissão, enquadrados numa área emergente que passou a dar pelo nome de *Information Science*.³

A atividade dos profissionais destes novos serviços de informação rapidamente começou a ser objeto de reflexão, surgindo manuais, guias, obras de síntese, que procuravam clarificar as funções que eles deviam exercer face às necessidades que os utilizadores evidenciavam. Uma obra clássica, que ilustra e caracteriza bem a dinâmica destes novos serviços de informação é o manual de Wilfred Ashworth, intitulado *Handbook of special librarianship and information work*, editado pela primeira vez em 1955, sob os auspícios da ASLIB - Association of Special Libraries and Information Bureaux⁴ e que foi traduzido para português no início dos anos 70, dada a sua importância e o facto de ainda manter atualidade (Ashworth 1981 [1955]). O prefácio da tradução portuguesa, cuja 1ª edição ocorreu em 1971, é da autoria de Jorge Peixoto e revela bem a importância dada à informação científico-técnica e aos serviços a ela associados. Vejamos um excerto desse prefácio:

Em nossos dias, a Informação é fluido, é veículo, enfim, é fonte que todos procuram deter nas suas mãos, pois ela é base fundamental de progresso. [...] A Informação, para lá da «explosão» hodierna, assume desde logo dois aspectos que liminarmente se têm de tomar em consideração. A um lado, temos a Grande In-

3 Sobre o surgimento e afirmação da *Information Science*, ver, por exemplo, alguns textos clássicos: Shera e Cleveland (1977), Debons (1986), Lilley e Trice (1989), Saracevic (1996), Williams, Whitmire e Bradley (1997).

4 A ASLIB foi fundada em Londres em 1924 e, segundo a opinião de Jorge Peixoto, era, nos anos setenta, “uma das mais poderosas forças mundiais no capítulo da ICT e no estudo das técnicas documentais” (Peixoto 1981, XXXII). Segundo o mesmo autor, “O seu grande impulso inicial adveio-lhe especialmente das indústrias metalúrgicas, que, após a Primeira Grande Guerra, careciam de um apoio sistemático de informação tecnológica adequada” (Peixoto 1981, XXX).

formação, que podemos considerar a informação geral, dada, por exemplo, pelos jornais, pela rádio, pela TV, pelo cinema, etc. Pertence ao grande público, é a informação que anda no ar, que se colhe na rua, no café. A outro lado, temos a Informação científico-técnica, a ICT, que é aquela que aqui nos interessa. Hoje ela caracteriza-se por ser estudada na Ciência da Informação, que é uma “ciência interdisciplinar derivada e ligada a disciplinas tais como as matemáticas, a lógica, a linguística, a psicologia, a informática, a investigação operacional, as artes gráficas, as comunicações, a biblioteconomia, técnicas de gestão, etc.”

Tal ciência procura dominar a explosão documental de nossos dias, que é espantosa. Basta dizer-se que nos começos do séc. XIX, segundo dados calculados pela Unesco, havia uma escassa centena de publicações periódicas científicas, em 1850 tal número elevou-se para 1000, em 1900 passou para 10 000 e actualmente ultrapassa a casa das 50 000 publicações periódicas daquele tipo. Quanto à produção mundial, por ano, dos documentos científicos e técnicos editados, os números são concludentes. Em 1958 avaliava-se em cerca de um milhão *de* documentos, representando treze milhões de páginas, elevou-se em 1967 para três milhões e meio e em 1970 calcula-se já que o número haja excedido os quatro milhões de documentos publicados.

Esta ciência, criada pelas necessidades imperiosas de nossos dias, não se limita aos suportes clássicos da informação, como é o caso do livro, do artigo de publicação periódica, do microfilme, etc., mas vai muito mais longe. Para lá mesmo das patentes, normas, especificações, desenhos técnicos, propostas de racionalização, de informação auditiva ou visual, de uma rádio ou TV, ela busca igualmente servir-se das possibilidades de informação que os satélites artificiais lhe podem fornecer, como é, por exemplo, o caso da meteorologia ou das transmissões de TV a longa distância. Estamos lançados actualmente na época do computador.

Por isso se compreende bem como a evolução de instituições tidas por clássicas vão sofrendo a sua própria evolução e se vão diferenciando com extraordinária nitidez. Na verdade, a Biblioteca e

o Centro de Documentação passam a ser aspectos particularizados de uma ciência muito mais vasta – a Ciência da Informação. Aqueles organismos, de tipo tradicional, permita-se que assim lhe chamemos, passam, sim, a apoiar outros tipo[s] de organização mais vivos e dinâmicos como são os Centros de Análise de Informação, que examinam de forma crítica os dados do documento e tomam a responsabilidade de os guardarem ou não, consoante o seu valor; os Bancos de Dados, que registam os elementos geralmente numéricos que servem para responder às questões mais complicadas (por ex.: qual o coeficiente de liquidez de uma empresa, qual a lista de compostos químicos cujos raios de absorção correspondem a valores dados).

Surge assim um novo tipo de cientista ou técnico, para lá do Bibliotecário e do Documentalista ou Bibliotecário Especializado. Trata-se do Information Scientist (Peixoto 1981, VII-VIII).

Este trecho ilustra bem a passagem de uma visão custodial e patrimonialista, herdeira das concepções oitocentistas, para uma outra perspetiva em que o foco se desloca da custódia para o acesso à informação e, conseqüentemente, o profissional precisa de ter uma postura ativa na sua função mediadora, procurando ir ao encontro das necessidades dos utilizadores.⁵

O FOCO NO UTILIZADOR, A PERSPETIVA SISTÉMICA E A ERA DIGITAL

A partir dos anos 70 do século XX, a preocupação sistémica com o *utilizador* passou a ser uma característica identitária dos serviços de informação. Com efeito, a difusão da informação à medida das necessidades de quem a procurava tornara-se um objetivo prioritário. Nesta nova abordagem, é

5 Sobre a evolução dos serviços de informação, ver Silva e Ribeiro (2010).

de relevar o papel da UNESCO, particularmente no que toca às preocupações com a formação dos profissionais, promovendo uma visão integrada dos serviços, tendente a superar a velha separação entre bibliotecas e arquivos, típica do paradigma custodial e patrimonialista, claramente dominante à época (Saunders 1978; Cook 1979).

Os estudos de utilizadores, com vista à definição dos seus perfis e do seu comportamento informacional, desenvolveram-se consideravelmente e passaram a ter uma relevância muito expressiva na literatura produzida sobre o assunto. Não cabe aqui um desenvolvimento sobre os modelos de comportamento informacional e os estudos de utilizadores, que surgiram (e continuam a surgir) na generalidade dos países, especialmente no mundo-anglo-saxónico, na Europa e na América Latina, tendo esta temática passado mesmo a constituir objeto de estudo nos *curricula* académicos da formação superior da área da Ciência da Informação e suas componentes aplicadas, a Arquivística e a Biblioteconomia. A título meramente de exemplo, referem-se alguns trabalhos bem representativos da vasta literatura produzida sobre a matéria, os quais ilustram bem as problemáticas em foco na investigação neste campo -Wilson 1981; Kuhlthau 1988, 1991; Sanz Casado 1994; González Teruel 2005; Pérez Giffoni e Sabelli 2010. Mas na evolução dos serviços de informação assistimos a uma outra mudança de conceção, que já prenunciava, de certo modo, a emergência da *Web*. Referimo-nos à abordagem sistémica, que começou ainda nos anos 80 do século XX (Atherton 1984) e se reforçou na década seguinte (Palmer e Varnet 1990), particularmente em contextos organizacionais.

A partir dos anos 90 do século passado, a questão do contexto em que se insere o utilizador passou a ganhar cada vez mais importância nos estudos de comportamento informacional. Por outro lado, o novo ambiente proporcionado pela *Web*, como meio privilegiado para obter informação, acarretou a necessidade de enfrentar novos desafios, nomeadamente o da adaptação dos modelos desenvolvidos anteriormente ao novo cenário da era digital,

como bem mostram os trabalhos de Choo, Detlor e Turnbull (1998, 2000), ao procurarem adaptar os modelos anteriores à busca de informação na Internet.

Aurora González Teruel (2005, 59) salientava, precisamente, que estava “emergiendo un cuerpo teórico que, centrado en el usuario, enfatiza en la importancia del contexto cognitivo, social, cultural, organizacional y afectivo y considera que el fenómeno de la conducta informativa forma parte del proceso de comunicación humana”.

A mudança provocada pela internet implicou necessariamente alterações nos serviços e nos comportamentos dos produtores/utilizadores da informação. Nos dias de hoje, muitos dos serviços e produtos de informação, embora continuem a ser prestados pelos serviços de informação institucionalizados e, portanto, detentores de uma estrutura física convencional (edifício, pessoal, equipamentos, acervo informacional, etc.) onde o utilizador se dirige para obter a informação de que necessita, são cada vez mais prestados através da Internet, não tendo o utilizador de se deslocar presencialmente ao serviço de informação para satisfazer a sua necessidade informacional (Abadal 2001).

Esta alteração funcional e comportamental acentuou a importância do sistema de informação, que vai muito para além do serviço enquanto tal e da sua componente tecnológica, como bem o explicita Armando Malheiro da Silva na sua *Terminologia essencial*, publicada em 2006.⁶

No verbete “Sistema de Informação”, pode ler-se:

Sistema de Informação – Expressão cada vez mais em uso e sujeita a ambiguidades semânticas. Para evitar equívocos impor-

6 Esta terminologia foi posteriormente integrada no dicionário online, *DELTCI - Dicionário Eletrónico de Terminologia em Ciência da Informação*, o qual foi tornado público em novembro de 2007, a partir do endereço <https://ccje.ufes.br/dci/deltci/index.htm>, no site da Universidade Federal do Espírito Santo (Brasil), mas atualmente não está acessível.

ta distinguir o SI, conceito operativo crucial em Ciência da Informação, do Sistema Tecnológico de Informação ou Informático [...]. Tendo em conta a sinopse relativa ao conceito de Sistema, um Sistema de Informação é uma totalidade formada pela interação dinâmica das partes, ou seja, possui uma estrutura duradoura com um fluxo de estados o tempo. Assim sendo, um Sistema de Informação é constituído pelos diferentes tipos de informação registada ou não externamente ao sujeito (o que cada pessoa possui em sua memória é informação do sistema), não importa qual o suporte (material e tecnológico), de acordo com uma estrutura (entidade produtora/receptora) prolongada pela ação na linha do tempo. A estrutura de um SI é um aspecto complexo porque ela é paradoxalmente autónoma e indissolúvel da informação propriamente dita: o sujeito da ação (seja pessoa ou instituição) que produz e recebe fluxo informacional é distinto deste, mas é essencial para este exista (Silva 2006, 162).

Pensando e analisando a informação numa perspetiva sistémica, facilmente tomamos consciência de que os serviços convencionais (arquivos, bibliotecas, museus), ao tratarem informação produzida num mesmo contexto orgânico, tendem a proporcionar uma visão redutora, separando artificialmente um todo que não deve nunca ser desagregado, uma vez que faz parte de um mesmo sistema de informação.

No ponto seguinte exemplificamos com um caso particular, a aplicação do modelo sistémico, mostrando como é possível manter a integridade do sistema de informação independentemente das opções de tratamento técnico tomadas (normas, meta-informação descritiva, etc.).

UM CASO PARADIGMÁTICO – A FUNDAÇÃO MARQUES DA SILVA (PORTO - PORTUGAL)

Figure 1. Fundação Marques da Silva.

FUNDAÇÃO
MARQUES
DASILVA



Fuente: Imagem gentilmente cedida pela FIMS.

A Fundação Instituto Arquiteto José Marques da Silva (FIMS) é uma fundação de direito privado, instituída pela Universidade do Porto em 2009. Teve origem no Instituto José Marques da Silva, fundado em resultado da doação à Universidade do Porto, em 1994, do património profissional, artístico, documental e imobiliário do arquiteto José Marques da Silva e de sua mulher, Júlia Lopes Martins, feita pela filha do casal, Maria José Marques da Silva Martins, e seu marido, David Moreira da Silva, ambos também arquitetos. Ao aceitar o legado, a Universidade do Porto comprometeu-se a salvar, preservar, estudar e divulgar este importante património e ainda a acolher e incorporar, no futuro, outros acervos relevantes nos domínios da arquitetura e do urbanismo.

Conforme consta da página da FIMS na Internet, esta fundação “tem como missão a promoção científica, cultural, formativa e artística, designadamente a classificação, preservação, conservação, investigação, estudo e divulgação de todo o património artístico e arquitetónico do arquiteto José Marques da Silva e, ainda, o

acervo literário, artístico, arquitetônico e urbanístico dos Arquitetos Maria José Marques da Silva Martins e David Moreira da Silva, bem como, complementarmente, o acolhimento ou incorporação de outros fundos ou unidades documentais de valor patrimonial, histórico, científico, artístico ou documental relativos, preferencialmente, à arquitetura e ao urbanismo portuense e português”.⁷

No tratamento e difusão da informação que detém à sua guarda, a abordagem seguida pela FIMS assenta na perspetiva sistémica, constituindo-se, portanto, como um exemplo paradigmático de aplicação prática. Com efeito, existe um serviço de informação, detentor de diversos sistemas de informação, onde, numa visão integrada e com a aplicação do modelo sistémico, o utilizador tem acesso a informação que, numa visão tradicional, estaria dispersa e artificialmente distribuída por setores distintos –arquivo, biblioteca e museu–, fragmentando a unidade sistémica, que decorre do próprio contexto orgânico-funcional de cada produtor da informação.

O Sistema de Informação é uma totalidade formada por informação registada num qualquer suporte (documento), produzida por uma diversidade de atores e recebida de uma multiplicidade de proveniências, o que significa que livros, revistas, cartas, memórias, relatórios, projetos, processos de obras, desenhos, pinturas, esculturas, móveis, gessos, etc. são documentos muito díspares entre si, mas que possuem a uni-los alguns denominadores comuns - pertenceram ou foram produzidos por determinadas pessoas de uma família, sendo por elas usados nos respectivos contextos em que decorreu a sua vida. E esta diversidade documental unificada pelo contexto familiar e a ação de seus membros/atores insere-se perfeitamente na unidade sistémica que a envolve e lhe confere pleno sentido.⁸

7 Ver: <https://fims.up.pt/index.php?cat=1> (acesso em 30/10/2022).

8 Ver: <https://fims.up.pt/index.php?cat=19> (acesso em 30/10/2022).

*Figure 2. Sistema de informação
Marques da Silva/Moreira da Silva.*



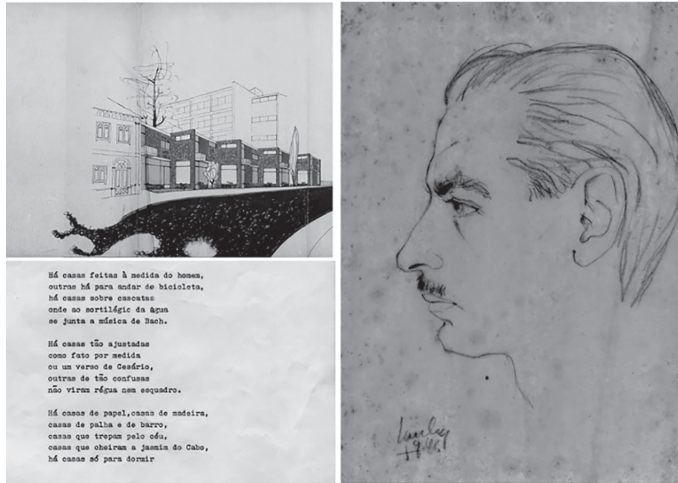
Fuente: Imagem gentilmente cedida pela FIMS.

Figure 3. Sistema de informação Fernando Távora.



Fuente: Imagem gentilmente cedida pela FIMS.

Figure 4. Sistema de informação Carlos Loureiro.



Fuente: Imagem gentilmente cedida pela FIMS.

Figure 5. Sistema de informação Alcino Soutinho.



Fuente: Imagem gentilmente cedida pela FIMS.

Independentemente das normas de descrição utilizadas e das bases de dados, suportadas por *software* distinto, que estão subjacentes ao tratamento documental (meta-informação descritiva, indexação), cada um dos sistemas de informação tem como trave-mestra fundamental o respetivo quadro orgânico-funcional, que unifica e dá contexto a todo o tipo de documentos pertencentes ao sistema. A consulta do *site* da FIMS permite perceber, em cada um dos sistemas de informação, as respetivas secções orgânicas, correspondentes às várias gerações e fases de vida dos produtores da informação, de modo a que o utilizador possa correlacionar as diferentes tipologias documentais e associá-las ao seu produtor e à correspondente fase de vida ou geração, no seio da linhagem familiar em que se integra.⁹

Este exemplo, aqui utilizado para ilustrar a aplicação do modelo sistémico com vista a uma visão integrada da informação, em contraponto à tradicional compartimentação em serviços de arquivo, biblioteca e museu, torna-se mais facilmente inteligível graças às facilidades de visualização proporcionadas pela tecnologia, em plena era digital, mas de um ponto de vista teórico a sua construção é passível de ser representada em qualquer sistema de organização da informação e do conhecimento, pois a estrutura orgânico-funcional do sistema é realmente o que sustenta a sua representação, permitindo aos utilizadores conhecer e compreender a génese, a organização e o uso que foi (e continua a ser) feito da informação ao longo do seu ciclo de vida.

9 Para o caso do sistema de informação Marques da Silva / Moreira da Silva, ver: <https://arquivoatom.up.pt/index.php/marques-da-silva-moreira-da-silva> (Acesso em 30/10/2022); https://catalogo.up.pt/F/?func=find-d&find_code=WRD&request=alldocuments&adjacent1=N&find_code=WRD&request=&adjacent2=N&find_code=WRD&request=&adjacent3=N&find_code=WRD&request=&adjacent4=N&find_code=WRD&request=&adjacent5=N&local_base=FIMS&x=52&y=11&filter_code_1=WLN&filter_request_1=&filter_code_2=WCN&filter_request_2=&filter_code_3=WYR&filter_request_3=&filter_code_5=WFMT&filter_request_5=&filter_code_6=WBAS&filter_request_6=MSMS (Acesso em 30/10/2022).

REFERÊNCIAS

- Abadal Falgueras, Ernest. 2001. *Sistemas y servicios de información digital*. Gijón: Ediciones Trea.
- Ashworth, Wilfred. 1981. *Manual de bibliotecas especializadas e de serviços informativos*. Trad. Maria Fernanda de Brito, com a colab. de Maria Isabel Loff; pref. Jorge Peixoto. 2.^a ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Atherton, Pauline. 1984. *Manuel pour les systèmes et services d'information*. Réimpr. Paris: UNESCO.
- Bautier, Robert-Henri. 1961. "Les Archives". *L'Histoire et ses méthodes*. Dir. de Charles Samaran, 1.121-1.166. Paris: Gallimard.
- Choo, Chun Wei, Brian Detlor, Don Turnbull. 1998. "A Behavioral Model of Information Seeking on the Web: Preliminary Results of a Study of How Managers and IT Specialists Use the Web". In *Proceedings of the 61st Annual Meeting of the American Society for Information Science, Pittsburgh, PA, October 25-29*, edited by Preston, Cecilia M. 290-302, Medford: Information Today.
- Choo, Chun Wei, Brian Detlor, Don Turnbull. 2000. *Web Work: Information Seeking and Knowledge Work on the World Wide Web*. Boston: Kluwer Academic Publishers.
- Cook, Michael. 1979. *The Education and Training of Archivists: Status Report of Archival Training Programmes and Assessment of Manpower Needs*. Paris: UNESCO.
- Debons, Anthony. "Information science". 1986. In *ALA World Encyclopedia of Library and Information Services*, 2nd ed. 354-358, Chicago: American Library Association.

- Favier, Jean. 1975. *Les Archives*. 3^{ème} éd. Paris: P.U.F.
- González Teruel, Aurora. 2005. *Los Estudios de necesidades y usos de la información: fundamentos y perspectivas actuales*. Gijón: Ediciones Trea.
- Kuhlthau, Carol C. 1988. "Developing a Model of the Library Search Process: Cognitive and Affective Aspect". *RQ*. Chicago. 28 (winter) (1988): 232-242.
- Kuhlthau, Carol C. 1991. "Inside the Search Process: Information Seeking from the User's Perspective". *Journal of the American Society for Information Science*. New York. 42:5, (1991): 361-371.
- Lilley, Dorothy B., Ronald W. Trice. 1989. *A History of Information Science: 1945-1985*. San Diego [etc.]: Academic Press.
- Otlet, Paul. 1996. *El Tratado de Documentación: el libro sobre el libro: teoría y práctica*. Trad. María Dolores Ayuso García. Universidad de Murcia.
- Palmer, Richard Phillips, Harvey Varnet. 1990. *How to Manage Information: A Systems Approach*. Phoenix, Arizona: The Oryx Press.
- Peixoto, Jorge. 1981. "Prefácio da edição portuguesa". Em Ashworth, Wilfred. *Manual de bibliotecas especializadas e de serviços informativos*. Trad. Maria Fernanda de Brito, com a colab. de Maria Isabel Loff; pref. Jorge Peixoto. 2.^a ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pérez Guiffoni, María Cristina, Martha Sabelli. 2010. *Los Estudios de usuarios de información: construcción de una línea de investigación y docencia en el Uruguay*. Montevideo: Escuela Universitaria de Bibliotecología y Ciencias Afines, Universidad de la República.

- Ribeiro, Fernanda. 2017. "La era poscustodial: implicaciones en el campo de la ciencia de la información". En *La Archivística y la ciencia de la información documental: autonomía e interdependencias*, coord. Miguel Ángel Rendón Rojas, 23-37. Ciudad de México: UNAM, Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información.
- Rieusset-Lemarié, Isabelle. 1997. "P. Otlet's Mundaneum and the International Perspective in the History of Documentation and Information Science". *JASIS: Journal of the American Society for Information Science*. New York. No. 48:4 (apr. 1997): 301-309.
- Sanz Casado, Elías. 1994. *Manual de estudios de usuarios*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez.
- Saracevic, Tefko. 1996. "Ciência da informação: origem, evolução e relações". *Perspectivas em Ciência da Informação*. Belo Horizonte. (jan-jun) (1996): 41-62.
- Saunders, W. L. 1978. *Principes directeurs pour l'élaboration de programmes d'enseignement dans le domaine de l'information*. Paris: UNESCO.
- Schellenberg, T.R. 1956. *Modern Archives: Principles and Techniques*. Chicago: University of Chicago Press.
- Sharp, J. R. 1981. "Recuperação da informação". Em Ashworth, Wilfred. *Manual de bibliotecas especializadas e de serviços informativos*. Trad. Maria Fernanda de Brito, com a colab. de Maria Isabel Loff; pref. Jorge Peixoto. 2.^a ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Shera, Jesse H., Donald B. Cleveland. 1977. "History and Foundations of Information Science". *Annual Review of Information Science and Technology*. Washington 12, (1977): 249-275.

- Silva, Armando Malheiro da. 2006. *A Informação: da compreensão do fenómeno e construção do objeto científico*. Porto: Edições Afrontamento.
- Silva, Armando Malheiro da, Fernanda Ribeiro. 2010. *Recursos de informação: serviços e utilizadores*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Williams, Robert V. 1997. "The Documentation and Special Libraries Movements in the United States, 1910-1960". *JASIS: Journal of the American Society for Information Science*. New York. 48:9 (sept.) (1997): 775-781.
- Williams, Robert V., Laird Whitmire, Colleen Bradley. 1997. "Bibliography of the History of Information Science in North America, 1900-1995". *JASIS: Journal of the American Society for Information Science*. New York. 48:4 (apr.) (1997): 373-379.
- Wilson, T.D. 1981. "On User Studies and Information Needs". *Journal of Documentation*. London, 37:1, (1981): 3-15.

CIIBERCID: Usuarios de la información, sociedad y tecnología en el siglo XXI. Una visión iberoamericana / CIIBERCID: Utilizadores da informação, sociedade e tecnologia no século XXI. Uma visão ibero-americana. Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información / UNAM. La edición consta de 100 ejemplares. Coordinación editorial, Anabel Olivares Chávez, revisión especializada: Pilar Obón y Jorge Alberto Castro Jáuregui; corrección de pruebas, Jorge Alberto Castro Jáuregui, Carlos Ceballos Sosa y Marcos Emilio Bustos Flores; formación editorial, Books and Chips; corrección de formación editorial, Mario Ocampo Chávez. Fue impreso en papel cultural de 90 g en los talleres de Editorial Color, S.A. de C.V., Naranjo 96, Bis. Col. Santa María la Ribera, Alcaldía Cuauhtémoc, C.P. 06400, Ciudad de México. Se terminó de imprimir en noviembre de 2023.